

Freud: N.d.T. *

GINETTE MICHAUD
(Université de Montréal)

“Treize — j’eus un plaisir cruel de
m’arrêter sur ce nombre.”

Marcel Proust

Uma boa tradução não é somente uma questão de palavras, a translação ou a passagem de uma língua para outra — e é isso que acontece, evidentemente —, ela é, em primeiro lugar e acima de tudo, uma experiência do tempo trabalhando o texto, tempo perdido, recuperado, traçado novamente. Talvez, por essa razão, Proust colocava a tradução no mesmo nível da própria escritura. Conhecemos sua afirmação célebre: “Designar não significa nada: é necessário traduzir”,¹ ou essa outra, que gostaríamos de ver infinitamente reversível, quando o leitor está limitado a ler através de uma tradução: “O dever e a tarefa de um escritor são também as de um tradutor”.² Maria Tsvetaïeva, tradutora de Rilke, comentava essa correspondência essencial do tempo com a tradução nestes termos: “Hoje, desejo que Rilke fale através de mim. Na linguagem corrente, isso se chama traduzir”. E acrescentava, num parêntese revelador da dificuldade de traduzir esse intraduzível: “Como fica melhor em alemão: *Nachdichten!* Sempre seguindo o rastro de um poeta, traçar novamente o caminho que ele já tinha traçado. A questão não é *Nach* (depois), mas ainda há *dichten*, o sempre novo. *Nachdichten*, quer dizer traçar o caminho nos rastros que a relva acabou de invadir”.³ Percebemos aqui, na felicidade da expressão, como a palavra exata é aquela que vem a propósito, que encontra o instante e consegue, graças a esse presente, rejuvenecer a obra, dar-lhe sua força expressiva. Evocando o momento favorável da tradução, seu “tempo vindo” (*rechtzeitig*), Walter Benjamin escreve que “comentário

* Tradução de Olívia Niemeyer dos Santos e Paulo Roberto Ottoni.

¹ Marcel Proust, *Matinée chez la Princesse de Guermantes*, p. 384, citado por Antoine Berman, “La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain”, em *Les tours de Babel. Essais sur la traduction*, Mauvexin, Éditions Trans-Europ-Repress, 1985, p. 43.

² Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu*, t. III, Paris, La Pléiade, p. 890, citado por Antoine Berman, op. cit., p. 43.

³ *Correspondance à trois — Rilke, Tsvetaïeva, Pasternak*, Paris, Gallimard, 1984, p. 31, citado por Antoine Berman, op. cit., p. 42.

e tradução têm com o texto as mesmas relações que estilo e mimesis (têm) com a natureza [...] sob a árvore do texto profano [são] os frutos que caem com a estação”.⁴ Esse tempo maduro, teria ele finalmente chegado para a obra freudiana na França? A questão vale a pena ser colocada, sobretudo no caso de um texto que, embora profano, continua entretanto a ser tratado, na maioria das vezes, como um texto sagrado o qual não se deve, sob nenhum pretexto, trair, como se respeitá-lo absolutamente, ser-lhe totalmente fiel, não fosse, precisamente, a melhor maneira de deixá-lo escapar.

Seria exagero evocar aqui um destino das traduções? Como sabemos, a tradução da obra de Freud na França encenou-se, desde o início, de um modo épico, com seus clãs e escolas se enfrentando em cerrados combates epistemológicos, em ásperas lutas terminológicas e teóricas, com heróis e perdedores (invencivelmente os mesmos: os leitores). A aparição recente do volume XIII — que diabo de editores sem qualquer superstição! — das “*Oeuvres complètes. Psychanalyse*”⁵ de Sigmund Freud não faz exceção à tradição da recepção da psicanálise na França e se inscreve, antecipadamente, como um episódio sobredeterminado, numa história complexa, já pesadamente agravada por toda espécie de implicações culturais e institucionais. A tradução de Freud em francês constitui, efetivamente, um verdadeiro relato de caso, único, ao mesmo tempo, na própria história da tradução e na história do movimento psicanalítico e de sua internacionalização. Se cada língua parece destinada, e isso cada vez mais irremediavelmente, a ter o *seu* Freud, o qual não seria necessariamente o mesmo de uma língua para a outra, nem o mesmo nas diversas traduções feitas numa mesma língua, o que acontece com o “French Freud” que nos propõe essa primeira edição histórica e crítica das obras completas do fundador da psicanálise? É sem dúvida prematuro abordar, desde agora, uma crítica detalhada desse vasto empreendimento de tradução,⁶ já que somente um volume foi publicado até hoje e que a introdução dos tradutores e o glossário anunciados (uns 4.000 termos *pré-traduzidos*, pressuposto teórico que em si merece que detalhemos mais tarde) ainda não o foram, até o momento em que escrevo essa linhas. Por hora, gostaria somente de levantar, num breve comentário, algumas questões e igualmente denunciar as inquietudes que possam surgir na leitura desse volume XIII e dos textos que acompanham sua difusão e que sublinham, na ausência de um protocolo propriamente dito, alguns dos princípios que guiaram a estratégia editorial atuando nessa tradução.

Podemos, de início, alegrar-nos de que as negociações entre os editores franceses, Gallimard, Payot e Presses Universitaires de France, tenham finalmente se

⁴ Walter Benjamin, *Sens unique*, precedido de *Une enfance berlinoise*, traduzido do alemão por Jean Lacoste, Paris, les Lettres Nouvelles / Maurice Nadeau, 1988, p. 149.

⁵ É esse o título, na verdade abrupto, que permaneceu: notemos de passagem a retificação do título de Strachey, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, onde a psicologia, associada no ouvido francês desde Lacan, ao “Ego Psychology” americano, era demasiadamente incômodo e não poderia passar dessa maneira em francês.

⁶ A expressão deve ser entendida literalmente: sob a direção de Jean Laplanche, Pierre Cotet e André Bourguignon, a equipe dividiu entre eles a “tarefa do tradutor”, segundo uma divisão estrita de trabalho: cada especialista (freudólogo, germanista, terminólogo, revisor, etc.) teve sua parte na linha de produção, toda decisão dependia de um consenso e, quando este era impossível, Jean Laplanche resolvia as divergências, em última instância.

concretizado depois de mais de vinte e cinco anos de negociações agitadas. A insatisfação diante das traduções pioneiras dos anos vinte — as de Marie Bonaparte, Samuel Jankélévitch, I. Meyerson e outros, julgadas hoje excessivamente afrancesadas, embelezadoras ou simplesmente inexatas — era, em boa parte, justificada, especialmente depois do “retorno a Freud” praticado por Lacan nos anos cinqüenta. Além disso, nenhuma tradução, por mais excelente ou “histórica” que fosse, poderia ser definitiva: passado o tempo da sua primeira vida (uns trinta anos em geral), ela se liberta de sua função de comunicação de um saber ou de transmissão de um sentido da obra traduzida, para ascender, ela própria, a uma leitura, já que é portadora de uma história, lugar de sedimentação de uma interpretação da obra. Dito isso, podemos nos perguntar se o projeto de traduzir tudo de Freud seria verdadeiramente, nesse fim de século, a solução ideal, ou se, já anacrônico na sua própria concepção, não foi sobretudo inspirado somente pelo ciúmes da *Standard Edition* de Strachey que tinha conseguido, graças a uma concepção mais pragmática da tradução, propor uma edição crítica das obras completas de Freud em inglês, desde 1966. Pois, a vontade de fazer tábula rasa das traduções anteriores, que se manifesta no presente projeto, típica de certa modernidade de ruptura (e é só isso que está em questão aqui: modernizar Freud), não leva em conta as retraduições de qualidade que aconteceram a partir dos anos setenta e, sobretudo, oitenta (veja a série de traduções novas das obras de Freud na editora Gallimard, por exemplo), e que, algumas vezes, deram lugar a verdadeiras experiências de tradução, no sentido mais elevado do termo. Penso, entre outros trabalhos, nas publicações do Coq-Héron, e particularmente nas de Bernard This e Pierre Thèves sobre *Die Verneinung*: a “Nota do tradutor”, onde eles retraçam a história das traduções sucessivas desse texto capital, constitui realmente um modelo do gênero; só o comentário crítico sobre o título do artigo de Freud — negação ou denegação? — cobre muitas páginas e expõe, de forma excelente, como a tradução e a conceitualização freudiana se ligam, nesse caso, a uma questão que não poderia ser decidida bruscamente, por uma escolha unilateral dos tradutores. Na presente edição, Laplanche optou por “*négation*” na acepção linguística estrita, solução econômica, sem dúvida, no plano da clareza, mas que tem o defeito de ser monossêmica e de fazer desaparecer a dimensão propriamente analítica do problema, eliminando uma equivocidade essencial do percurso freudiano e suprimindo também a reflexão elaborada em torno dessa noção desde a introdução, em 1953, do termo “*dénégation*”, na tradução de Jean Hyppolite. Portanto, o que parece sobretudo inaceitável, para a equipe reunida sob a égide da PUF, é “O equívoco e a ambigüidade [que] são o primeiro e o último inimigos da unificação terminológica da língua psicanalítica alemã num francês freudiano.[...]. Dentro dessa perspectiva, o rigor terminológico tem ainda por objetivo evitar toda perda de sentido:”⁷ lendo essa declaração no programa-manifesto, perguntamo-nos, não sem apreensão, como uma ideologia tão normativa da tradução pode ser compatível com um texto que, como o de Freud, joga constantemente com ambigüidades, com o sentido duplo, com significados desviados e reorganizados; desta forma, numa estratégia que se aproxima

⁷ *Le Monde*, 2 de Maio de 1988, p. 5.

da política institucional da psicanálise, o leitor francês, aquele que não tem acesso direto à obra de Freud em alemão, está ainda limitado a lê-la em traduções alternativas não unificadas, e, por consequência, frequentemente concorrentes no plano teórico. Podemos duvidar se essa situação será radicalmente e definitivamente regrada por essa tradução “fundamentalista”⁸ cuja intenção é, essencialmente, restituir um Freud antes de tudo científico e não escritor, e reunir, unificar e uniformizar um corpus julgado excessivamente dispersivo, disseminado e indomável demais.

Sem remontar às calendas gregas, quer dizer, sem querer retraçar as peripécias que, embora parecendo locais e regionais, marcaram profundamente a introdução da psicanálise na França no início deste século (lembramos de passagem os conflitos que opuseram Marie Bonaparte ao gramático Édouard Pichon e a criação, em 1927, de uma Comissão psicanalítica para a unificação do vocabulário psicanalítico francês: parece que estamos sonhando quando lemos hoje as declarações de intenção dos novos editores), para poder realmente apreender as estratégias atuais levantadas por esta tradução e não somente as repetir — veja, por exemplo a famosa polêmica de 1967, em torno de *Trieb*/instinct/pulsion, que opôs a germanista Marthe Robert aos psicanalistas Laplanche e Pontalis, polêmica que será reeditada em 1973 e que colocou, desta vez, Roger-Pol Droit contra Pontalis —, é necessário conferir-lhes uma perspectiva histórica e, portanto, é necessário também situá-las levando em conta as áreas geográficas, e tanto isso é verdade, como lembra o próprio Pontalis, parte interessada no empreendimento antes que o projeto da Pléiade malograsse no fim dos anos sessenta, que “Sob a história da psicanálise, história das filiações e rupturas, das transferências que não se finalizam e de narcisismos que não se cansam de fazer valer as suas pequenas diferenças; sob a história muitas vezes revoltante dos afrontamentos e das cisões, há a geografia”.⁹ Não é aliás por acaso que o tom da auto-apresentação da equipe realça quando a palavra “comunidade” aparece de repente “na ponta do lápis”*, como é dito de forma tão feliz: “Sem dúvida, essa equipe não é infalível, mas tem demonstrado sua comunidade de pensamento na apreensão do texto freudiano, sua comunidade estilística nas opções de tradução e sua comunidade terminológica na escolha de um vocabulário unificado”.¹⁰ Paralelamente ao modelo Strachey, do qual falarei em seguida, é efetivamente o estilo da C.I.E. (Communauté Intellectuelle Européenne) que se projeta nessa imagem, onde as fronteiras nacionais (os tradutores

⁸ Empréstio a expressão de Éliane Roudinesco que aponta a que ponto a posição de Laplanche e Pontalis e de sua equipe — “procurar os conceitos nas palavras para recuperar a germanicidade original do texto freudiano” — “constitui um empreendimento formidável de delacанизação” (“Freud à vos souhaits”, *Libération*, 14 de Abril de 1988, p. XVI). Os poucos neologismos arcaizantes usados pelos tradutores para tentar restituir artificialmente um significado a velhas palavras francesas fora de uso — “*désirance*” por “nostalgie”, “frustrané” por “vain”, “*désaide*” por “*détresse*”, “*refusement*” por “*frustration*”, etc. — poderão sempre parecer cópias ruins caricaturando a conceitualidade introduzida por Lacan, e não farão esquecer que a qualidade maior da sua releitura reside precisamente na sua invenção estilística, quer dizer, na sua capacidade de ligar e articular, de transcrever, não somente palavras, mas também o modo particular do pensamento de Freud.

⁹ J. -B. Pontalis, “Aller et retour”, em *Perdre de vue*, Paris, Gallimard, 1988, p. 151.

¹⁰ “Histoire d’une aventure”, folheto publicitário da PUF. A idéia também é retomada em *le Monde*, 2 de Maio de 1988, p. 5.

* N. do T.: “à portée de plume” em francês.

como individualidades distintas) são abolidas, para favorecer a livre circulação do texto freudiano em todos os níveis, claramente hierarquizados aqui, do mais elevado ao mais baixo (pensamento, estilo, vocabulário).

A geografia, ou melhor, a geopsicanálise, segundo o termo utilizado por Derrida,¹¹ é, na verdade, tudo menos estrangeira à tradução, e não se deixa despojar tão facilmente, sobretudo quando se trata de querer apresentar Freud num “francês Freudiano”, de “retirar todo seu verniz lingüístico”¹² (Freud, uma velha tela cujas cores desbotadas teriam necessidade de ser restauradas?¹³) e esboçar “um retorno à germanidade de Freud”.¹⁴ Afrancesar, germanizar o texto freudiano: a utopia de uma comunidade européia “igualitária” e harmoniosa teria sido de curta duração, pois eis que ressoam novamente nestas palavras os antigos conflitos residuais franco-alemães, fio fácil de ser seguido nas declarações dos editores que, insurgindo-se contra “nossa alergia à novidade [...], nossa desconfiança modelada pelo nacionalismo cultural, [...] nossa incompreensão da modernidade”, retomam a idéia de que “a língua e o pensamento desse povo cartesiano” tornavam-no pouco apto a acolher a descoberta freudiana: “Da mesma forma que Freud se inscrevia na história cultural germânica e na fidelidade às mais belas intuições do romantismo, da mesma forma, as racionalidades próprias da psicologia francesa não seriam a terra eleita para o triunfo da ciência dos sonhos”.¹⁵ Mais uma vez, agora de maneira simetricamente inversa ao movimento que tende, neste bicentenário da Revolução, a promover a imagem das Luzes, as relações entre o *Aufklärung* e o primeiro romantismo são convocadas; o atraso — e todos os males intelectuais — encontram-se do lado da racionalidade desse “povo cartesiano”, enquanto que o gênio, as “mais belas intuições”, a novidade, o Moderno, em suma, são atributos do romantismo alemão, herança diretamente retomada por Freud. Esse gênero de divisão geográfica e cultural é sem dúvida exageradamente simplificado, ossos do ofício, mas o fato mesmo de recorrer a tais argumentos “nacionais”, para legitimar um empreendimento de tradução, permanece sintomático de um certo mal-estar onde o tradutor procura primeiramente diminuir-se perante a obra a ser traduzida antes de ter uma revanche sobre ela. Ora, como Benjamin observava, para que uma tradução tenha êxito, é necessário que ela seja também “inspirada” pela língua à qual ela entrega a obra, é necessário que uma relação de igualdade possa se estabelecer entre as duas línguas, para que desapareça a “indelével característica escolar”¹⁶ da tradução. Seria fácil mostrar que essa condição

¹¹ Jacques Derrida, *Psyché. Invention de l'autre*, Paris, Galilée, “La philosophie en effet”, 1988.

¹² Pierre Cotet, “Notre idée est de faire un français freudien”, *Libération*, 14 de Abril de 1988, p.XVII.

¹³ Com efeito, fala-se “de restaurar uma obra na fidelidade dos artistas e dos discípulos ao criador” (“Se você leu Freud, você nunca leu Freud”, *le Monde*, 25 de Abril de 1988, p. 5): voltarei mais tarde a esse tema do Moderno.

¹⁴ André Bourguignon, “Notre idée est de faire un français freudien”, *Libération*, 14 de Abril de 1988, p. XVII.

¹⁵ Todas as citações foram tiradas do encarte publicitário da PUF publicado em *le Monde*, 25 de Abril de 1988, p. 5.

¹⁶ Walter Benjamin, *Correspondance 1910-1928*, tomo I, Paris, Aubier, 1979, p. 168. Numa carta a Gerhard Scholem, Benjamin critica uma tradução de seu amigo (do hebreu para o alemão), nesses termos:

não é respeitada aqui, o que traz como conseqüência, como veremos mais para a frente, que a “volta à germanidade” de Freud se traduz, na maior parte das vezes, por... germanismos.

Mas, além da idéia que se procura novamente sustentar aqui, a de uma “terra eleita” da psicanálise, além da aparência um pouco embandeirada desse “nacionalismo cultural”, além do tom enfático, marcado de clarins e de comoção que se faz por demais ensurdecedor nessas afirmações de “poder assegurar pela força das palavras o triunfo das idéias”,¹⁷ (Freud, mais do que ninguém, ensinou-nos a ler o que encobre essa face maníaca do luto), o que incomoda, talvez ainda mais nessa germanofilia dos tradutores, não é o que ela afirma, é que ela não vai longe o bastante, que ela não se estende ao aspecto mais fundamental da tarefa do tradutor, quer dizer, à própria língua alemã, e mais ainda à austro-alemã utilizada com um perfeito domínio (quer dizer, com jogo e sutileza) por Freud. Assim, os clichês etnocêntricos mais usados serão retomados pelos tradutores que continuarão a falar “da estrutura um pouco pesada da frase freudiana em alemão, [à qual] bem entendido, deram um equivalente francês”, numa tradução que eles qualificam por eufemismo de “um pouco rugosa”¹⁸.

Um pouco rugosa, a tradução do volume XIII? Antes de examiná-la por partes, um esclarecimento se impõe quanto a esse aspecto da questão. Sabe-se que proliferou já há algum tempo, na França, um vigoroso debate teórico em volta dessa noção de “rugosidade”, reivindicada pelos “literalistas”, de um lado (não confundir com a tradução “palavra por palavra”), e bem entendido, amaldiçoada, de outro lado, pelos “literaristas”, que praticam a tradução de forma mais tradicional, quer dizer, como restituição estetizante do sentido. Sem entrar numa discussão que nos levaria longe demais, podemos dizer, entretanto, que o princípio de uma tradução tão abrupta assim, que romperia com a concepção da tradução fluente, poética e elegante, pode ser defendido facilmente — nesse caso, trata-se somente de fornecer a tradução, a mais correta e exata possível — mas é preciso, antes de tudo, livrar-se completamente da influência autoritária de cientificidade, até mesmo da tecnicidade, que se insinua muitas vezes em semelhante pretensão de exatidão. A presente tradução de Freud parece, à primeira vista, prender-se a uma concepção de tradução literal, que se vincularia à letra do texto freudiano. Mas, examinando mais de perto, percebemos que o defeito maior dessa tradução é talvez o de ter cedido efetivamente ao engodo de palavra por palavra, quando, como sugere Antoine Berman, uma tradução literal autêntica deve somente dar a impressão de ser literal, ela “deve *parecer como* um puro

“É evidente que não se trata, em suas traduções, de salvar um texto, como se diz, em o benefício do alemão, mas, ao contrário, de ajustá — lo ao alemão tanto quanto for necessário. Ora, nenhuma inspiração lhe veio do alemão”. E é esse valor suplementar, esse benefício que acrescenta algo ao original, que parece ser também o problema, no caso que nos ocupa aqui, onde o leitor francês tem constantemente a impressão de que as contas foram prestadas de maneira por demais precisas, palavra por palavra.

¹⁷ “Histoire d’une aventure”, folheto publicitário da PUF. Esse triunfalismo da tradução, que surgiu, aqui e ali, nessas declarações, mal combina, (ao menos que seja por uma figura oposta) com o sofrimento profundamente melancólico do tradutor que não pára de fazer a experiência da perda, enlutado perpétuo de duas línguas.

¹⁸ André Bourguignon, art. cit., p. XVII.

“palavra por palavra”, mas não o *ser*”.¹⁹ Retomemos agora, um pouco mais de perto, as três “comunidades” já evocadas pela equipe e supostamente fundadoras da força dessa tradução francesa: pensamento, estilo, terminologia.

O que prenderá inicialmente a atenção do leitor é, bem entendido, esse plano da terminologia, onde as modificações, as mais espetaculares em relação às traduções anteriores, se manifestam com nitidez. Falo das substituições de conceitos: entre os exemplos mais bem-sucedidos, podemos citar as substituições de “névrose obsessionnelle” por “névrose de contrainte”, de “forclusion” por “rejet”, de “mot d’esprit” (*Witz*) por “trait d’esprit”, de “civilisation” por “culture” (*Kultur*); entre os casos mais duvidosos, aqueles de “fantasme” por “fantaisie” (particularmente quando é utilizado como verbo), de “dénégation” por “négation”, de “frustration” por “refusement” e, sobretudo, de “désir” por “souhait” e uma dezena de equivalentes para o *Wunsch* freudiano, palavra corrente tão vaga em alemão que se torna quase indeterminada, o que permite a Freud variá-la ao infinito, conforme o contexto. Mas é precisamente isso que não foi levado em conta na presente tradução: a modulação da conceitualização em Freud, que toma forma ao sabor de suas diversas formulações — a ambigüidade não é aqui um defeito, mas a própria condição da fecundidade do pensamento freudiano — e que não cessa de se deslocar ao sabor dos contextos, é sacrificada em favor da clareza das definições do conceito. Ora, o conceito em Freud é bem menos importante que a “maneira de dizer”, para emprestar uma expressão de Patrick Mahony. Já se deu muita importância a essa guerra de palavras na imprensa,²⁰ e não vou me deter nisso. O restabelecimento da noção de “âme”, por tudo que se relaciona à psique, mereceria, por si só, uma ampla discussão. Digamos somente que uma certa *transferência* de influência, oriunda da *Standard Edition*, faz-se sentir aqui: se é verdade, como foi vivamente censurada a James Strachey (não sem excesso²¹) por Bruno Bettelheim, que “*mind*” e “*mental*” constituiriam uma tradução-traição da expressão *die Seele*, empregada por Freud, porque se encontraria, desse modo racionalizada e intelectualizada em inglês, uma “âme” muito mais “humanista” e espiritual em alemão (segundo Bettelheim), podemos nos perguntar se “âme” — e sobretudo o adjetivo “animique”, que conserva em francês conotações esotéricas, e que é, além disso, associado, no campo da psicanálise, de preferência, a Jung — deveria verdadeiramente suplantar a palavra “psyché” nessa tradução. Expressões como “*activité animique*”,²² “*processus animique*” (p. 76), “*vie d’âme*” (p. 115),

¹⁹ Antoine Berman, op. cit., p. 140. Grifo do autor.

²⁰ Veja o exemplo recentemente debatido de *Angst* (unilateralmente traduzido por angústia) no “Cinquèmes Assises de la traduction littéraires” que se realizou em Arles, de 11 a 13 de Novembro último, e que tinham particularmente como objetivo a tradução das obras completas de Freud; o princípio da literalidade, tal como foi compreendido pelos responsáveis pela edição, na sua aceção mais estreita nesse caso, foi vivamente criticado (*le Monde*, 18 de Novembro de 1988, p. 17).

²¹ Bruno Bettelheim, *Freud et l’âme humaine. De la traduction à la trahison*, prefácio de Michèle Montrelay, Paris, Laffont, 1982. Para uma crítica detalhada das posições de Bettelheim e de Strachey, ver o artigo de Darius Ornston, publicado em *The Journal of American Psychoanalytical Association*, Maio de 1983.

²² Sigmund Freud, *Oeuvres complètes. Psychanalyse*, volume XIII, 1914-1915, Paris, Presses Universitaires de France, 1988, p. 69. As referências feitas a essa obra serão doravante diretamente

“l’anémique primitif” (p. 139), “attitudes animiques” (p. 142) ou “activités des appareils d’âme” (p. 166), não somente parecerão curiosas ao ouvido francês, elas acrescentarão ao “déconcertement” (p. 76) do leitor, ao acentuar o distanciamento do texto freudiano, afastando-o irremediavelmente, porque esses termos tornam o texto antiquado na sua expressão, definitivamente de outra época. Efeito paradoxal, convenhamos, para uma edição que se propõe a modernizar Freud...

No plano mais propriamente estilístico, é preciso igualmente determinar um procedimento, freqüentemente utilizado, que consiste em ligar as palavras por pontos (mise.à.l’écart, expérience.de.vie, marquée.de.contrainte, récusation.par.angoisse, afflux.de.stimulus, jouir.de.la.douleur, inclination.à.l’angoisse, etc.) ou por traços (signification-argent, culturel-conventionnel, mort-propre, schème-réflexe, etc.): esse procedimento de ligação, que procura imitar uma das singularidades da língua alemã, produz em francês um efeito bizarro, porque os pontos e os traços, que supostamente uniriam as palavras, mais evidenciam uma segmentação do que restituem a unidade substantiva do alemão. Além disso, como observa Gérard Granel a propósito de Heidegger, usar esse procedimento é “consentir a um não-traduzir, agarrando-se ao original, palavra por palavra reproduzida numa reverência supersticiosa”.²³ Essa fidelidade excessiva dos tradutores acaba em todo caso por retirar uma boa parte da leveza do texto freudiano.

Mas essa primeira esfera da tradução não é talvez a mais importante: a terminologia só requer, afinal de contas, um tipo de intervenção limitada, operação de ordem sobretudo racional ou intelectual que o leitor pode, por sua vez, julgar segundo os méritos. É uma decisão que levanta questões teóricas, mas talvez menos, propriamente falando, que os dois outros planos — estilo e pensamento — onde se exerce verdadeiramente o essencial do trabalho do tradutor. Pois não é tanto a terminologia que torna uma tradução convincente, mas sobretudo sua materialidade, quer dizer, a composição da frase, a flexão e a articulação sintáticas, o seu ritmo. O irreparável, em qualquer tradução, é subestimar a que ponto a sintaxe comporta todo o pensamento. “O trabalho de uma boa prosa comporta três estágios”, dizia Benjamin: “um estágio musical, onde ela é composta, um estágio arquitetônico, onde ela é construída, e, finalmente, um estágio têxtil, onde ela é tecida”.²⁴ Para adivinhar que a prosa freudiana é também música, construção, texto, no sentido pleno do termo, o leitor francês vai ter muito trabalho para ler, entre as linhas, frases como esta, tirada de “Deuil et mélancolie”: “Notre attente de faire dériver la condition économique de survenue de la manie une fois terminé le cours de la mélancolie, à partir de l’ambivalence qui domine cette affection, pourrait s’appuyer sur des analogies tirées de divers autres domaines” (p. 227); ou essa outra, tirada de um manuscrito inédito de Freud em francês, “Vue d’ensemble des névroses de transfert”, texto redigido sob a

indicadas no texto. O volume XIII reúne a história do Homem dos Lobos (“À partir d’une névrose infantile”), “Actuelles sur la guerre et la mort”, os importantes trabalhos da “Métapsychologie”, a “Communication d’un cas de paranoïa contredisant la théorie psychanalytique” e um belo texto, escrito em homenagem à “la terre de Goethe”, sobre o efêmero, pesadamente intitulado aqui “Passagèreté”.

²³ Gérard Granel, “Les langues sont des terminaux logiques”, em *les Tours de babel*, p. 158.

²⁴ Walter Benjamin, *op. cit.*, p. 163.

forma de notas telegráficas que foram integralmente respeitadas apesar dos muitos colchetes; “Une plus claire représentation [de ce] en quoi, en quelles modifications, consiste [la] fixation, [on] fera mieux de ne pas la demander. Mais sur [sa] provenance, dire quelque chose” (p. 288). E o que dizer de todos esses contornos que restituem um som por outro, o menos estranho em francês: desta forma, o paciente sente um “amour surgrand pour le père” (p. 111), ele está “coïté par le père” (p. 43); “A moins que quelqu’un veuille admettre que le patient ait non seulement inconsciemment fantasié cette scène originaire, mais tout autant confabulé sa modification de caractère [...]” (p. 53); “L’effet d’après-coup est très abaissé dans son montant” (p. 56); “[...] les parents, cet état persistant, exprimèrent l’inquiétude [...]” (p. 13); “[...] tenu à la main pas sa mère, il est le témoin auriculaire des plaintes que sa mère adresse au médecin en le raccompagnant au-delà du seuil [...]” (p. 11); “S’agissant de telles fructueuses difficultés, le cas de maladie à décrire ici ne laisse rien à souhaiter. Les premières années du traitement atteignirent à peine à un changement” (p. 8); “Puis le petit problème se remit au repos pour un long temps” (p. 87); “Le caractère de poussant est une propriété générale des pulsions [...]” (p. 167); um caso, “après un décours spontané, a guéri complètement avec déficit” (p. 6), etc. Deixo de lado as “observation soigneuse”, “circonstances occasionnantes”, “retirement hors du monde”, “causation” e outros exemplos “vicariés”, para ir ao essencial. Porque, mais que o sentido das palavras, que são sem dúvida traduzidas aqui com todo rigor e toda exatidão, mais que os “falsos sentidos” e mesmo os “contra-sensos” que são somente “pecados veniais”²⁵ da tradução aos olhos de Pontalis, são, sobretudo, as mínimas e constantes distorções pontuais que são graves, porque contribuem para o enfraquecimento geral do texto de Freud e impedem o leitor de jamais esquecer que ele está lendo uma tradução. A escolha de traduzir Freud palavra por palavra, de não transtornar a ordem das palavras em alemão é precisamente a maneira mais segura de perder o ritmo do texto freudiano.²⁶ Daí essa constante impressão de peso da qual não conseguimos nos livrar: as palavras são às vezes precisas, mas o tom soa falso o tempo todo, como se o “francês freudiano” ficasse suspenso no meio do caminho entre as duas línguas.

Por outro lado, as dificuldades que esses exemplos deixam entrever surgem inteiramente do alemão ou do francês? Não creio. Estaríamos errados em supor que, numa tradução, tudo acontece simplesmente entre duas línguas, ou, com mais razão, num sentido único, nesse caso, do alemão para o francês. Como sugere Antoine Berman, a “prova do estrangeiro”, com a qual se afronta toda verdadeira tradução, não toma somente a forma de um face a face, de uma relação dual e simétrica, mas apresentaria talvez mais afinidade com o próprio dispositivo analítico naquilo que,

²⁵ J.- B. Pontalis, *op. cit.*, p. 202.

²⁶ A propósito da *Standart Edition*, Darius Ormston faz os seguintes comentários que poderiam ser muito bem aplicados à tradução francesa: “*Translating is dispiriting work, and forcing Freud’s easy idiom and animated word play into consistent English phrases is altogether frustrating. Most people who try it become aware that they are rendering poetry in pieces. Gradually they get distracted by their own little piles and then (get) possessed by an irresistible urge to tidy up. The most difficult thing to understand is that word-for-word translation of Freud just does not work*”(artigo citado).

entre as duas línguas “em presença” intervém sempre uma “terceira língua”: “A tradução talvez não seja possível, na sua forma mais perfeita, sem a operação secreta dessa terceira língua que vem *mediatizar* a relação entre duas línguas em contato. Talvez, sem ela, a língua materna, tradutora, não poderia jamais se abrir plenamente para uma outra língua”.²⁷ No caso dessa edição francesa, podemos levantar a hipótese de que essa terceira língua seja o inglês, e que, aliando-se ao modelo da *Standard Edition* de Strachey, ela trabalhe tendo como apoio certas escolhas editoriais da tradução francesa.

O que Berman descreve, nesse caso, a propósito de Chateaubriand, tradutor de Milton, com o latim como terceira língua mediadora, como uma experiência de alteridade, em geral positiva, de abertura ao outro, pode com efeito ajudar a compreender um pouco melhor a impressão, sentida repetidamente diante da tradução de Freud, de termos encontrado uma espécie de *basic* analítico, uma língua sem afetos, homogênea, mas nem por isso coerente, *imitando* o funcionamento de uma verdadeira língua (o francês freudiano), mais sem conseguir fazer crer nessa sua verdade. Se a língua-rainha de Chateaubriand era o latim, língua fortemente diferenciada do francês, língua materna da qual ele tinha controle absoluto (situação que, notemos, está radicalmente alterada hoje seja quem for que utilize essa língua, com mais razão se for para fins científicos), podemos supor que a mediação exercida pela terceira língua não é sempre tão feliz, e que possa ser diferente no caso do inglês, língua outra, mas mal diferenciada do francês, língua que é mais uma dupla do que verdadeiramente uma estrangeira e que exerce, por essa razão, uma atração também dupla sobre o francês.²⁸ Seria ir longe demais sugerir que a intervenção *inconsciente* dessa terceira língua, supostamente mais substancial, mais icônica, em suma, mais comunicativa que a língua sendo traduzida, terá, no caso dessa tradução, antes de tudo científica, sem perdas, um papel de tela ao invés de mediação?

Outros indícios permitiriam apoiar ainda mais solidamente essa hipótese: trata-se da influência do modelo “standard” da edição inglesa de Strachey sobre o projeto da edição francesa. Não declaramos explicitamente que “o único neologismo verdadeiro dessa aventura editorial e científica [foi o de ter criado] um “Strachey coletivo”?”²⁹ Acima, tínhamos, aliás, começado a louvar a força da edição inglesa que “repousava sobre a ambição unitária de James Strachey” e por defendê-la contra os ataques de Bettelheim, dos quais já falei. Há muito mais aqui do que uma simples homenagem admirativa: é mais justo falar de reconhecimento de dívida. Uma análise comparativista das motivações conscientes (e inconscientes) atuando em certas escolhas de Strachey e nas da equipe francesa, a percepção da transferência desenvolvida, enquanto psicanalistas-tradutores, em relação ao texto freudiano, mas também das outras gerações de tradutores antes deles, seriam, creio, mais reveladoras e requeririam um desvio além do canal da Mancha.

²⁷ Antoine Berman, *op. cit.*, p. 125.

²⁸ Berman comenta o caso de Mallarmé reencontrando, fascinado, o francês no inglês e falando de “nossas palavras incomodadas pelo dever estranho de falar outra língua que não a delas” (*op. cit.* p. 125).

²⁹ *Le Monde*, 2 de Maio de 1988, p. 5.

Como podemos, de um ponto de vista psicanalítico, justificar traduzir Freud a partir de um glossário de uns 4.000 ou 5.000 termos pré-traduzidos que foram impostos aos tradutores, se não tivermos sido levados desde o início pela idéia de refazer o que Jones tinha começado desde 1924 com o seu *Glossary for the use of Translators of Psycho-Analytical Works*? Como podemos decidir, *a priori*, fazer corresponder sistematicamente a cada palavra alemã uma única palavra francesa, fora de qualquer contextualização, se não for pela interiorização dos princípios em ação na edição de Strachey? É interessante ver que a questão da tradução das obras de Freud está longe de estar fechada no mundo anglo-saxão e que ela abre mesmo um espaço interpretativo que apenas hoje começa a ser rigorosamente explorado, agora que a International Psychoanalytical Association fala mais e mais em iniciar uma tradução inteiramente revisada das obras completas de Freud em inglês, porque a *Standard Edition* há anos vem sendo atacada em todas as frentes, e cada vez com mais intensidade, precisamente em razão de ser uma estandarização do texto freudiano. É curioso observar que a ligação da presente equipe com o modelo Strachey, que também colocava todos os esforços numa “uniform translation”, quase não são evocados, quanto mais analisados. Haveria, no entanto, nessa questão das transferências à obra atuando na própria tradução, uma via particularmente rica a trilhar na questão da tradução no campo da psicanálise. Como escreve Riccardo Steiner, um dos críticos mais judiciosos da *Standard Edition*,

[...] Assistimos a uma transformação e a uma transferência das primeiras identificações e das primeiras rivalidades. Corremos o risco de estabelecer novos “Standards” no esforço para corrigir a velha terminologia, para reavaliar os critérios que presidem à escolha na tradução, e assim por diante... [...] Um tal empreendimento — a preparação de uma nova edição standard “autêntica” de Freud, em alemão, em inglês, ou em qualquer outra língua — corre sempre o risco do dogmatismo[...] O risco mais grave é que venhamos a crer que podemos recuperar o “verdadeiro” Freud, graças à tecnologia moderna.³⁰

Essas observações tratam muito bem os problemas de interpretação levantados por essa nova edição francesa, assim como a conclusão de Steiner, absolutamente decisiva:

[...] Seria sem dúvida mais fecundo procurar os melhores critérios para compreender e traduzir um Freud *que se dirigiria diretamente a nós, à nossa época*, na série de questões particulares que marcam nosso tempo. [...] Cada vez

³⁰ Riccardo Steiner, “Die Weltachtstellung des Britischen Reichs. Notes on the Term “Standard” in the First Translation of Freud”, em *Freud in Exile*, Yale University Press, 1988, p. 192. Em inglês: “[...] We are witnessing a transformation and transferral of the early identifications and rivalries. We run the risk of establishing new ‘standards’, in our effort to correct the old terminology, re-examine the criteria of choises in the translation and so on [...] An entreprise of this kind — preparing a new ‘real’ standard Edition of Freud, whether in German, English or any other language- always involves a risk of dogmatism [...] The most serious risk is that we might come to believe that, with the aid of modern technology, we can arrive at the ‘true’ Freud”.

que se debatem problemas lingüísticos, às vezes violentamente, o que está em jogo não é simplesmente um problema lingüístico *per se*, mas a nova realidade histórica e social que assim se manifesta. [...] Somente um texto “morto”, ou tirado das Santas Escrituras, autoriza uma e somente uma tradução.³¹

Apresentei essas poucas impressões de leitura do ponto de vista profano. Evidentemente, seria preciso agora abrir também a discussão sobre a tradução de Freud de um ponto de vista psicanalítico, tendo em vista a maneira como as transferências — individuais, entre gerações de tradutores, nacionais e internacionais — encontram-se, nesse caso, fortemente investidas. Pois não seria suficiente traduzir Freud como se fosse um texto qualquer: é necessário levar em conta a maneira como a psicanálise, que fez da tradução um de seus conceitos mais fundamentais, trabalha, por sua vez, nossa concepção de tradução.³² Podemos nos lembrar igualmente de que o próprio Freud, antes de escrever, fez a experiência da tradução (ele traduziu Stuart Mill, Bernheim e Charcot) e que foi um tradutor muito original: “Na tradução dessas aulas, eu me esforcei, escrevia no seu “Préface”, datado de 1892, — não para imitar o estilo incomparavelmente claro e ao mesmo tempo tão nobre de Charcot, o que me seria impossível —, mas para apagar o menos possível seu efeito de palavra livre”.³³ e é “essa maneira de falar e de pensar”, essa “palavra livre” que mais nos falta nessa tradução, é isso que vem bruscamente despontar, no desvio de uma nota do tradutor relegada ao pé da página. Ligando-se à frase bem conhecida de Calderón, reformulada aqui por Freud, “a velha sabedoria na qual os sonhos são mentiras”, podemos ler essa nota: “Träume seien Schäume. Literalmente: os sonhos são flocos de espuma” (p. 208). E nos surpreendemos ao nos perguntar por que essa frase não está simplesmente no texto. Seria porque a beleza da metáfora teria assinalado com excesso de brilho que Freud era também escritor, jogando assim uma dúvida sobre resto da tradução? Com efeito, essa *foot note* desestabiliza a tradução: escapando por um breve instante à vigilância e ao controle dos tradutores, ela deixa retornar, com o jogo de palavras,

³¹ *Ibid.*, p. 192-193. Destaque de G. Michaud. Em inglês: “[...] *We should perhaps more profitably try to establish the best criteria for understanding and translating a Freud who speaks directly to us in our times, with the specific set of problems that belongs to our age. [...] Whenever linguistic problems are debated, sometimes heatedly, what is at stake is never simply a linguistic problem per se, but the new historical and social reality which speaks out at these moments [...]. Only a “dead” text, or one from Holy Scripture, permits of one and only one translation.*”

³² Sobre as relações entre psicanálise e tradução, ver os números especiais das revistas *Meta* (27:1, março de 1982), *la Revue française de psychanalyse* (“Dossier”: Freud traduit et traducteur”, L: 4, Julho 1986; “Traduire Freud”, 47, 1983), *l’Écrit du temps* (“Traduire Freud”, n° 7, verão de 1984), *Littoral* (“Traduire Freud, transcrire Lacan”, Maio de 1984); *Psychanalystes* “Langage, traduction, psychanalyse”, n° 22, Janeiro 1987). Consultar também os trabalhos de Patrick Mahony (*Freud as a Writer*, New Haven, Yale University Press, 1987), de Jean-Michel Rey e Wladimir Granoff (*l’Occulte et la pensée freudienne*, Paris, PUF, 1984 ; igualmente de W. Granoff, *Filiations*, Paris, Minuit, 1975) os numerosos artigos de Darius Ornston e Riccardo Steiner, e, sobretudo, a importante obra coletiva, *Freud in Exile* (Edward Timms e Naomi Segal (edit). Yale University Press, 1988.

³³ Sigmund Freud, “Préface à la traduction des “Leçons du mardi” de Charcot, [junho de 1892], *l’Écrit du temps*, n° 7, verão de 1984, p. 58. (N. do T.: em francês: “la vieille sagesse pour qui songes sont mensonges”).

uma outra espécie de literalidade que não a praticada nessa tradução. Pois a verdadeira força do texto freudiano não está somente nas idéias, nos conceitos, no científico determinado, está também nesse imprevisível que, de repente, se abre no texto: a passagem fugaz de uma metáfora.